

Narrativas e conhecimento

*Eunice Terezinha Piazza Gai**

Resumo

No presente estudo abordamos algumas questões teóricas que envolvem o estatuto da narrativa ficcional como instância de conhecimento. Apresentamos, de início, alguns aspectos filosófico-científicos acerca da natureza do conhecimento/cognição e de sua relação com a experiência e a realidade. Depois, mostramos que a essência ou “verdade” da narrativa ficcional pode mobilizar os indivíduos leitores em sua vida, convicções e subjetividade. Para isso, valemo-nos do pensamento de vários autores, entre eles, Maturana e Vigotski.

Palavras-chave: Narrativa. Conhecimento. Experiência. Ética. Estética.

Sobre o tema

A narrativa, ficcional ou não, traz sempre implícita a ideia da invenção. Aquele que narra transforma uma experiência em linguagem, atividade que, por sua vez, leva à compreensão e ao entendimento da experiência em si. Mesmo o simples relato pressupõe a experiência, seja em relação ao fato propriamente dito, seja em relação à constituição psicológica ou mental de quem narra. É de acordo com esses dispositivos vivenciais que resultará a visão do fato, e também do mundo, apresentada pela narrativa. Para percebê-la será necessário que o intérprete atente para a seleção das ideias e linguagem, para o ponto de vista prevalente, para as razões pelas quais determinados aspectos são evidenciados ou não, etc. A narrativa é, portanto, a forma privilegiada de dar a conhecer a experiência.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, mestrado, da Unisc.

Data de submissão: novembro de 2009. Data de aceite: dezembro de 2009.

Tendo em vista que a subjetividade constitui o fator mais significativo no âmbito das narrativas, artísticas ou cotidianas, o problema do conhecimento a elas inerente sempre foi questionado. Que conhecimento é esse, impreciso, subjetivo, pouco confiável? Para que serviria um conhecimento dessa natureza? Foi assim que, através dos tempos, a atividade artística esteve muitas vezes associada à ideia de distração, consequentemente, de uma atividade pouco séria.

Hoje, com o questionamento do paradigma científico, que no apogeu da modernidade havia centralizado as atenções na racionalidade e considerava a evidência física a única premissa da verdade, cabe um olhar mais atento ao paradigma da narratividade, que é fonte de outros saberes e pode levar a rever determinadas concepções acerca do conhecimento. Veremos que a essência da narrativa, que é inventar realidades ou mundos, pode também fazer parte do universo da ciência, constituindo um caminho explicativo para esta.

Assim, iniciamos pela discussão a respeito dos temas do conhecimento, da realidade e da experiência. Depois, mostramos que a “verdade” da narrativa ficcional e o conhecimento a ela inerente podem mobilizar os indivíduos leitores em sua própria vida, em suas convicções e em seu conhecimento de si, em sua subjetividade, o que significa que possui um alto potencial educativo.

A busca do conhecimento: uma questão de opinião ou de verdade objetiva?

Desde os tempos mais remotos, a humanidade vem se colocando o problema do conhecimento. Busca responder não apenas a como ele ocorre, mas também em que consiste. É possível conhecer? O que o ser humano conhece de fato? Será a realidade, será a verdade? Muitas têm sido as respostas através dos séculos.

Xenófanes de Cólofão, um filósofo pré-socrático que viveu, provavelmente, no final do século VI antes de Cristo, deixou o seguinte fragmento: “A própria verdade, nunca ninguém a conheceu, nem a conhecerá, no que se refere aos deuses e a tudo de que falo. Pois mesmo se alguém devesse falar dela com toda a exatidão possível, nem por isso teria tido a visão direta, mas por toda a parte é a opinião que reina.” (LÉGRAND, 1987, p. 48).

A ideia de que o conhecimento é relativo, construído conforme determinadas circunstâncias, está presente no fragmento de Xenófanes, traduzida pela palavra “opinião”, cujo sentido aponta para a ideia de autoconstrução.

No âmbito das discussões contemporâneas, ao lado das várias visões formuladas pelos diferentes sistemas filosóficos, o polêmico movimento das ciências cognitivas, ocorrido na segunda metade do século XX, especialmente nos Estados Unidos, também difundiu novos paradigmas acerca do conhecimento e dos processos cognitivos.

Um autor como Heinz Von Foerster, cientista que fez parte do movimento referido, já não vem em defesa da verdade científica e objetiva. No texto intitulado “Costruire una realtà” (WATZLAWICK, 2006), faz referência à obra de Molière *O burguês gentil homem* (*Le bourgeois gentilhomme*), em que o burguês novo rico, o sr. Jourdain, ouve falar de prosa e de poesia nos encontros da alta sociedade que passa a frequentar e, espantado ou perplexo, descobre que fala em prosa, que sempre falara em prosa. Von Foerster refere-se também aos seus amigos americanos que, em torno das décadas de 1960 e 1970 do século XX, descobriram, também perplexos, que viviam num ambiente, sempre haviam vivido num ambiente. Valendo-se de uma perspectiva irônica, o autor pretende, com tal analogia, mostrar que o burguês novo rico de Molière, quando fala em prosa, e também pelo fato de falar em prosa, inventa a partir de si mesmo; igualmente, os amigos americanos que descobriram o ambiente, na verdade, estão a inventá-lo. O ambiente, tal como o percebemos é uma invenção nossa. É o que nos mostra o autor.

Outro cientista, que também fez parte do movimento acima referido, o biólogo Humberto Maturana, no seu livro *La objetividad* (2004), discute os temas do conhecimento e da verdade, associando-os à experiência e à realidade. Em princípio, o título do livro é *La objetividad*, mas possui um subtítulo: “Um argumento para obligar”. Pensamos que o autor quer dizer com isso que o conceito de objetividade é um conceito construído e,

quando tomado como valor, como verdade, é com o intuito de obrigar, ou subjugar, ou dominar. Bem vistas as coisas, a objetividade não existe, pois há sempre um observador implicado no âmbito do que se entende por conhecimento. Esse pequeno livro, como o chama o autor, retoma alguns conceitos já formulados em sua teoria complexa sobre a biologia da cognição.

No prólogo, o autor refere que o texto é um convite à reflexão sobre a experiência e, ainda que fale da realidade, seu tema não é a realidade, senão a explicação da experiência e das relações humanas. Com o desenvolvimento dessa proposição inicial, fica claro que a realidade é um conceito construído; é conformada a partir da explicação da experiência do observador implicado; este é um ser vivente, ou seja, é o ser que se observa a si mesmo sendo, o ser que se pensa a si mesmo no seu processo de viver, de existir, numa tentativa de explicitar as recorrências do autor.

A experiência, para o autor, é qualquer coisa que nos ocorre, que vivemos como vindo de nenhuma parte. Usualmente, não nos damos conta disso, porque confundimos a experiência com a explicação da experiência, ficando geralmente apenas com a explicação da experiência.

A explicação, ou explicações, é resposta dada às perguntas que formulamos sobre o viver. Mas cabe ao observador aceitar ou não tais explicações. Essa aceitação implica uma mudança da práxis do viver. Segundo Maturana, há

dois caminhos explicativos, aos quais denomina de “objetividade transcendental ou objetividade sem parênteses” e “objetividade constitutiva ou objetividade com parênteses”. Não vamos aprofundar aqui esses conceitos, pois necessitaríamos de muito mais espaço, mas o que chama a atenção é que, na primeira, o observador assume que a existência tem lugar com independência do que ele faz e que as coisas existem independentemente de ele as conhecer ou não. Nesse caminho explicativo o observador usa referência a alguma entidade, tal como matéria, energia, consciência, Deus, como argumentos para validar ou aceitar uma reformulação da práxis de viver. A implicação em relação a esse caminho é de que é cego e surdo à participação do observador na constituição do que aceita como uma explicação da experiência.

No caminho da objetividade com parênteses o observador aceita que é um ser vivente; que suas habilidades cognitivas são fenômenos biológicos, já que são alteradas quando sua biologia é alterada e desaparecem no momento de sua morte. Ainda, se ele quer explicar, tem de aceitar como ser vivente suas incapacidades para distinguir na experiência o que na vida diária distinguimos como percepção e ilusão.

As implicações em relação a essa posição referem-se ao fato de que, nesse caso, o observador não tem base operacional para fazer qualquer declaração ou afirmação acerca de objetos, entidades, relações como se existissem independentemente do que ele faz. Para essa forma

de explicação a existência é constituída com o que o observador faz por meio de distinções na linguagem. O observador constitui existência com suas operações de distinções; é gerador de toda a realidade através de suas operações de distinções. Há, portanto, várias realidades explicativas. Quando contrárias, cabe nos darmos conta de que é necessária uma reflexão responsável em coexistência, não na negação do outro.

Outrossim, ainda seguindo o pensamento de Maturana, os seres humanos acontecem na linguagem. Ao mostrar que a cognição é um processo de linguagem e que esta é resultado das interações entre os indivíduos (coordenações de ações), não um processo fisiológico, está indicando o caráter temporário, não absoluto, da verdade, do saber. O que resulta como saber é fruto das interações, das conversações entre os componentes de um grupo social. Esse posicionamento teórico apresenta profundas implicações sociais e individuais. Afinal, se assim é, ninguém tem legitimidade para dominar; é necessário estabelecer parâmetros de convivência; negamos a violência; o limite é a marca de nossa humanidade.

Um outro componente importante do processo cognitivo é a emoção. Ora, apesar da insistência dos artistas e poetas, que não cessaram jamais de assinalar a importância da emoção no decurso da vida, a tradição cultural do Ocidente, em especial a tradição científica moderna, tratou de banir a emoção, relegando-lhe um papel inferior. Por quê? Talvez porque

sobre a emoção não há controle e é sempre perigoso lidar com o inesperado.

Maturana concede à emoção um lugar significativo: “A presença fundamental do emocionar em tudo o que fazemos, e que nos conecta com nossa história biológica de mamíferos e primatas, não é uma limitação de nossa humanidade, mas ao contrário, é nossa condição de possibilidade enquanto seres humanos.” (2001, p. 278).

A ideia de que a emoção nos liga à nossa história de primatas não deve ser muito cara à visão do mundo no Ocidente moderno, onde o evolucionismo é um conceito chave e nele está implícita a ideia de que, se alguém evolui, é para melhor, não para pior, pois isso seria involução. Desse modo, a emoção seria uma espécie de denúncia de nossa condição simiesca. É importante notar, porém, que, para Maturana, a evolução não é um caminho que vai do pior para o melhor, mas apenas uma história biológica, e a emoção é condição de humanidade.

As reflexões de Maturana apresentam uma importante contribuição teórica para explicar os problemas relacionados aos temas da experiência e da realidade, enquanto elementos constituintes do ser no mundo, o sendo, o processo de ser ou existir, ou, como ele mesmo denomina, a “práxis do viver”. E o conceito de observador, e mais, de observador implicado, constitui um aspecto relevante no âmbito das teorias do autor.

As considerações teóricas iniciais trazem algumas reflexões acerca da concepção de conhecimento, tradicional-

mente associado à forma de apreensão da realidade, isto é, conhecer é conhecer a realidade objetivamente. Para isso, o observador, o indivíduo conhecedor, precisa estar distanciado do objeto a ser conhecido, para que o revele de modo isento. Mas e se não for assim, se estivermos sujeitos à condição de observadores implicados, que agem segundo suas emoções, que inventam a realidade e não a podem descrever objetivamente?

Do ponto de vista das humanidades, esse pressuposto teórico, que atualmente vem também da área das ciências físicas e biológicas, pode indicar caminhos inusitados de conhecimento e de autocohecimento. É nesse ponto, por exemplo, que a experiência concebida segundo a perspectiva de Maturana, de que é algo que nos ocorre, assume um valor significativo. Além disso, a argumentação do autor em torno da objetividade “relativa” que caracteriza a ciência, ou da “verdade” como convenção (coordenações de coordenações na linguagem), parece indicar que a ficção faz parte ou está no âmago de qualquer forma de conhecimento que envolva os seres humanos.

A arte da narrativa: conhecimento, subjetividade e ética

Assim, passemos às narrativas ficcionais, buscando relacioná-las a alguns dos aspectos teóricos aqui delineados. Em princípio, precisamos assinalar que a ficção cria mundos a partir da imagina-

ção e das palavras; toma a experiência como elemento determinante da criação e, também, leva o indivíduo, leitor ou ouvinte a viver por meio da imaginação a experiência construída por outro. Além disso, apresenta uma entidade narrativa que pode ser um narrador especificamente criado para tal e que muitas vezes aparece como um observador implicado e, em geral, traz o elemento do emocionar como fator fundamental. Mas em que consiste a narrativa ficcional?

A arte da narrativa é uma atividade milenária. Lembremos o escritor Edward Morgan Forster, que a considera como atávica e ancestral, já existente na época neolítica ou até, talvez, na paleolítica, que se caracteriza pelo desenvolvimento de uma história no tempo. Os ouvintes primitivos eram parte de um auditório que se mantinha acordado pelo suspense e manifestava curiosidade de saber como se desenvolveriam os acontecimentos uns após os outros. Há, portanto, um componente da natureza humana que se sente atraído por esse fenômeno: a organização de fatos e acontecimentos que se desenrolam no tempo, como a vida de cada um. Sherazade, a mais famosa narradora de histórias, prudentemente, calava-se quando o sol aparecia. Deixava a sua narrativa inacabada e o sultão tomado pela curiosidade de saber o que aconteceria depois. Sherazade escapou da morte em razão de suas narrativas e, praticando também a arte do suspense, deu tempo para que o sultão pudesse se curar.

Se, segundo o autor, a história e a sociologia ocuparam-se, e ocupam-se,

essencialmente, dos valores, das ações dos seres humanos, da sua exterioridade ou daquilo que é visível, sempre coube à narrativa voltar um olhar para a interioridade, a sentimentalidade, as paixões genuínas, os sonhos, as alegrias e tristezas. Entretanto, é preciso observar que as narrativas são tessituras de palavras, são linguagem. É assim que, para Forster, é preciso diferenciar o *homo sapiens* do *homo fictus*: este é criado nas mentes de centenas de romancistas, ao passo que aquele possui uma existência física e material.

Ainda em torno do tema do conhecimento associado à narrativa ficcional, cabe uma referência a Bruner, que traz outros elementos para explicitar a questão. Segundo o autor, há dois modos de conhecimento. Um é lógico-científico, “tenta preencher o ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação” (BRUNER, 2002, p. 13); emprega a categorização e a conceituação para formar um sistema. O outro é o modo narrativo, que se volta para as ações e intenções humanas e busca localizar a experiência no tempo; é o panorama da consciência. Ainda conforme o autor, “a grande ficção, como a grande matemática, requer a transformação de intuições em expressões, num sistema simbólico”. (p. 17).

Em outra obra (BRUNER, 1997), o autor também acentua a importância das narrativas, não só porque por meio delas os seres humanos contemplam as suas crenças, as suas origens culturais, mas também porque a nossa experiên-

cia imediata, o que ocorreu ontem, nós o exprimimos desse modo. A nossa vida mesma só pode ser apreendida pelos outros em forma de narrativa, e a nossa educação ocorre a partir das múltiplas narrativas: dos pais, dos mestres, de nós mesmos. É esse, enfim, o amplo espectro em que o conhecimento pode ser associado à narratividade.

Para concluir, abordamos dois aspectos acerca dos quais o conhecimento oriundo das narrativas literárias pode ser auferido ou processado, uma vez que, nesse ponto, diz respeito ao leitor ou intérprete, não ao texto em si. Trata-se da catarse e da perspectiva ética ou moralizante do texto ficcional.

Para entender a catarse reportamos, em primeiro lugar, a Aristóteles, que a associa à potencialidade da tragédia de provocar o terror e a piedade. Pela vivência de tais emoções a partir da encenação opera-se no espectador uma purificação das mesmas.

Vigotski retoma ou reinterpreta a perspectiva aristotélica e associa a catarse e o efeito moral da arte. Este, para o autor, existe e se manifesta na catarse de determinados sentimentos e paixões que oprimem o espírito e que, por meio dela, poderiam se libertar. Considera que o objetivo final da atividade estética “não é repetir alguma reação real, mas superá-la e vencê-la” (VIGOTSKI, 2004, p. 339) e cita o exemplo do poema sobre a tristeza. A arte comunica, contagia, socializa sentimentos, mas o seu papel não é apenas esse, pois nos deve colocar acima da tristeza e nos forçar a superá-la.

Quanto à possibilidade de o texto narrativo induzir a ações e ao seu potencial educativo, há muitas controvérsias no percurso das reflexões que o tema mereceu na tradição cultural, porém é certo que os efeitos que a leitura de uma obra de arte literária podem produzir no leitor não são previsíveis, nem podem ser conectados a sistemas de valores sociais aceitos.

Vigotski (2004), no capítulo intitulado “A educação estética”, descreve qual seria o papel da estética, da arte, na educação. Para revelar o seu ponto de vista trata, primeiro, de eliminar certos preconceitos a respeito do assunto em pauta. Um deles é o de que a arte, para exercer um papel positivo do ponto de vista pedagógico, deve enunciar uma moral. Em referência a um conto de Tchecov, mostra como a moral pode funcionar às avessas. No conto, um monge medieval, que possuía um enorme talento artístico, narra aos seus irmãos sobre o poder do diabo, a depravação e o horror que presenciara na cidade. Faz isso de tal forma, com inspiração, beleza e sonoridade, que no dia seguinte nenhum monge permanecia no convento.

Ainda no campo das considerações éticas com relação à narrativa ficcional, o mesmo autor faz referência à fábula *A cigarra e a formiga*, em que as crianças, geralmente, preferem a cigarra ao invés de captar o sentido moral subjacente, que pretende valorizar o trabalho em detrimento do canto.

Esses dois exemplos remetem-nos ao fato de que a arte narrativa tem o poder

de mobilizar as pessoas, de levá-las a agir. Contudo, a ação não é previamente determinável pelas intenções pedagógicas. A arte, por essa razão, pode ser vista como perigosa, pois pode fazer agir contrariamente aos valores estruturados por uma determinada sociedade.

Abordando ainda o tema da relação entre pedagogia e narrativa, podemos recorrer a Larrossa, que em seu livro *Pedagogia profana* (2004) apresenta um capítulo em que se refere à pedagogização da novela. Mostra que a tentativa de querer que a novela, a narrativa, ensine algo não é muito pertinente. No entanto, paradoxalmente, citando o exemplo de Peter Handke, mostra como a novela formou a sua consciência, muito mais do que a escola o teria feito.

Ressaltamos, assim, o caráter de transformação que a narrativa pode ter em relação aos indivíduos. Está relacionado a esse fato o conhecimento que ela veicula, uma espécie de conhecimento de si, de suas paixões e sentimentos. Pela criação de realidades não factuais, inventadas, vem mostrando, há tempo, que a realidade é uma construção e que há sempre um observador implicado a interferir na determinação de uma verdade, fatores que a ciência nem sempre enfatizou.

Narratives and knowledge

Abstract

In the present study we address some theoretical issues involving the status of fictional narrative as a body

of knowledge. We initially present some philosophical – scientific aspects about the nature of knowledge/cognition and its relation with experience and reality. Then we show that the fictional narrative's essence or "truth" can mobilize readers in their life, beliefs and subjectivity. For this, we use as a basis several authors' thoughts, among them, Maturana and Vygotsky.

Key words: Narrative. Knowledge. Experience. Ethics. Aesthetics.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Eudoro de Souza. 5. ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

BRUNER, Jerome. *La cultura dell'educazione*. Nuovi orizzonti per la scuola. Milano: Feltrinelli, 1997.

_____. *Realidade mental, mundos possíveis*. Trad. de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FOERSTER, Heinz Von. Construir uma realidade. In: WATZLAWICK, Paul. *La realtà inventata*. Milano: Feltrinelli, 2006.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1974.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEGRAND, Gérard. *Os pré-socráticos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

MATURANA, Humberto. *La objetividad*. Un argumento para obligar. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2004.

_____. *A ontologia da realidade*. Org. por Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.